

Editorial

No *Seminário 10: a angústia*, Lacan articula que a angústia, por designar o que chama de objeto derradeiro, ou a Coisa, é um afeto que não engana, característica que o distinguiria dos demais afetos. Eis sua importância clínica desde Freud, quando ele a definiu como um sinal. Neste número de *Stylus*, nossos autores desenvolvem a especificidade da angústia a partir do trabalho com os conceitos, da arte, dos casos clínicos e da própria experiência na Escola.

Alguns desses trabalhos propõem abordar a angústia a partir de sua relação com o tempo. É o caso do texto de Evandro de Quadros Cherer, “*Erwartung*: o caráter de expectativa da angústia no tratamento psicanalítico”, no qual o autor sustenta, com Lacan, que a angústia é considerada uma possibilidade de solução a partir de sua dimensão de expectativa. O caráter de *Erwartung* da angústia é o que habilita uma sustentação em relação ao desejo. No texto “Os afetos são sinais de um tempo que não passa?”, Ana Flávia Petrovic Fattore propõe que a angústia se torna afeto destacado, ao indicar a direção do objeto *a* índice do real, não sem se articular ao sintoma e à inibição. A análise incide na temporalidade da experiência subjetiva singular de cada um. Luciana Guarreschi, em “Sem tempo para angústia”, contrapõe o tempo na análise ao do sistema neoliberal, que não deixa margem alguma para que o sujeito do inconsciente possa questionar sua existência. A análise faz falar a angústia contando com o manejo do tempo em direção ao desejo.

Retomando o diálogo entre Freud e Lacan, Sonia Alberti, em “O Outro e a angústia”, percorre o desenvolvimento da noção de angústia no ensino de Lacan, demonstrando que se trata de um afeto que não pode excluir o Outro, e levanta a questão sobre os três termos do texto de Freud “Mais além do princípio do prazer”: *Angst*, *Furcht* e *Schreck*. E a clínica com crianças muito nos ensina a respeito dessa relação da angústia com o Outro.

Na conferência “A angústia do *infans*”, Marie-José Latour retoma a noção de desamparo (*Hisflosigkeit*) e os afetos da demanda, do desejo e da angústia diante desse traumatismo estrutural. Também em sua conferência “A angústia e o medo de nos reduzirmos ao nosso corpo – uma volta a mais no caso Hans”, Beatriz Oliveira retoma esse caso paradigmático a partir do nó borromeu e dos três gozos: fálico, do Outro e o gozo-sentido, que trazem novas contribuições à clínica psicanalítica. No texto “Como fazer a angústia falar na clínica?”, Maria Helena Martinho apresenta fragmentos do caso de uma menina de 9 anos de idade a partir da articulação do nó borromeano com a tríade freudiana Inibição, Sintoma e Angústia. Consuelo Pereira de Almeida, em “Como fazer a angústia falar quando

seu objeto é o próprio corpo?”, traz um fragmento clínico de uma criança internada em um hospital para discutir como o corpo pode servir como destino da angústia, com graves consequências. Thalita Castello Branco Fontenele, por sua vez, no texto “Da angústia ao desejo do analista na clínica com crianças”, também apresenta uma vinheta clínica para abrir uma discussão a respeito da passagem da angústia ao desejo do analista na clínica com crianças.

Ora, é justamente o desejo do analista que se encontra no coração da Escola de psicanálise. Em “A transferência de trabalho, do passe ao passe: tempo do laço”, Maria Laura Cury Silvestre traz sua própria experiência nos dispositivos do cartel e do passe e propõe a construção do tempo de se recrutar como Membro de Escola tal qual um movimento lógico. Também interrogando a função passador, no texto “O passador não é um tradutor, é um contrabandista. Resposta a Derrida”, Eveline Campos Hauck propõe comparar a tarefa do passador à do tradutor por meio de um caso em primeira pessoa.

Este número também testemunha a estreita relação da psicanálise com a arte. No texto “Um pouco, uma parte e o que escapa: o que da catástrofe se representa”, Glúcia Nagem de Souza e Lucília Maria Abrahão e Sousa partem do livro *Catástrofe e representação*, de Nestrovski e Seligmann-Silva, e estabelecem relações possíveis com os conceitos de trauma e Real, incluindo a análise da obra do artista romeno Avigdor Arikha e do artista alemão Anselm Kiefer. Em “Vazio do vazio: angústia, vazio mediano no pensamento chinês e função poética da palavra”, Dulcemara Dedino trata do interesse de Lacan pelo “vazio mediano” a partir dos textos chineses e do desenvolvimento teórico sobre o objeto da angústia. Paloma Vieira Silva e Vera Pollo, no texto “No litoral com Ana Cristina Cesar: escrita, angústia e gozo”, refletem sobre a obra da poeta Ana Cristina Cesar, articulando-a às proposições de Freud e Lacan sobre escrita, angústia e gozo feminino.

Ainda em relação à escrita, contamos com a resenha de Francina Evaristo de Sousa do livro *Voo solo*, no texto “O peso das penas: *Voo solo*, de Isloany Machado”: “*Voo solo* toca algo de uma verdade que se mostra — não toda, como é do feitiço da verdade — através de elaborações feitas a partir da ‘cama de fazer sonhos’, um dos nomes com os quais a autora batiza o divã de sua analista, de onde pôde parir-se outra, ao deixar cair suas penas; voar para além do âmbito materno, após arrancar a última pena de si.”

Desejamos uma boa leitura!

Rio de Janeiro, junho de 2024
Ana Laura Prates